

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

JENNY HAN

A  
LONG  
FORE  
VER

Agora  
e hora  
Sempre

Finalista  
do Goodreads  
Choice Awards  
MELHOR ROMANCE  
YOUNG ADULT

*O final emocionante  
da trilogia*

A TODOS OS RAPAZES  
QUE AMEI

TOP  
SEL  
LER  
#BLISS

*Para os meus queridos leitores e leitoras.  
Este livro é para vós.*

«Não sei o que me espera ao virar da esquina,  
mas vou acreditar que seja o melhor.»

L. M. MONTGOMERY, *Ana dos Cabelos Ruivos*

# capítulo 1

GOSTO DE FICAR A OBSERVAR O PETER quando ele não sabe que estou a vê-lo. Gosto de lhe admirar a linha reta do queixo, a curva da maçã do rosto. Tem uma certa franqueza na cara, uma inocência — uma espécie de bondade. É a bondade que mais me toca o coração.

É sexta-feira à noite na casa do Gabe Rivera depois do jogo de lacrosse. A nossa escola ganhou, por isso estão todos animados. O Peter em especial, porque foi ele que marcou o golo decisivo. Está do outro lado da sala a jogar póquer com alguns dos rapazes da equipa dele; está sentado com a cadeira inclinada para trás, de costas contra a parede. Ainda tem o cabelo molhado do duche depois do jogo. Eu estou no sofá grande com os meus amigos Lucas Krapf e Pammy Subkoff, que estão a folhear a última *Teen Vogue*, discutindo se a Pammy deve fazer uma franja.

— O que achas, Lara Jean? — pergunta a Pammy, passando os dedos pelo cabelo cor de cenoura.

A Pammy é uma amiga recente — conheci-a porque namora com o Darrell, um grande amigo do Peter. Tem cara de boneca, redonda como uma forma de bolo, e a cara e os ombros salpicados de sardas.

— Mmm, acho que uma franja é um compromisso muito grande e que não deve ser decidido num capricho. Se o cabelo não te crescer muito depressa, podes ter de esperar um ano ou mais até a franja apanhar o comprimento do resto do cabelo. Mas se queres mesmo uma franja, acho que devias esperar pelo outono, porque não tarda nada é verão, e no verão as franjas podem tornar-se pegajosas, suadas e irritantes...

O meu olhar vagueia de novo para o Peter que levanta os olhos, apanha-me a mirá-lo e ergue as sobrancelhas interrogativamente. Dou-lhe um sorriso e abano a cabeça.

— Então não faço franja?

O meu telefona vibra na mala. É o Peter.

Queres ir embora?

Não.

Então, porque estás a olhar para mim?

Porque me apeteceu.

O Lucas está a ler por cima do meu ombro. Afasto-o com um empurrão e ele abana a cabeça e espanta-se:

— Vocês estão mesmo a mandar mensagens quando estão a meia dúzia de metros de distância um do outro?

Pammy enruga o nariz e diz:

— Que adorável.

Estou prestes a responder-lhes quando olho para cima e vejo o Peter a atravessar a sala na minha direção com determinação.

— Está na hora de levar a minha miúda para casa — diz ele.

— Que horas são? — digo eu. — Já é assim tão tarde?

O Peter está a puxar-me do sofá e a ajudar-me a vestir o casaco. Depois pega na minha mão e conduz-me pela sala do Gabe. Olhando por cima do ombro, aceno e digo:

— *Ciao*, Lucas! *Ciao*, Pammy! Para que conste, acho que ficarias linda de franja!

— Porque estás a andar tão depressa? — pergunto ao Peter enquanto me arrasta pelo jardim da frente até ao local onde estacionou o carro.

Ele para em frente do carro, puxa-me para ele e beija-me, tudo num único movimento rápido.

— Não consigo concentrar-me nas cartas quando olhas para mim daquela maneira, Covey.

— Desculpa — começo a dizer, mas ele beija-me outra vez, com as mãos nas minhas costas.

Quando estamos dentro do carro dele, olho para o tabliê e vejo que ainda só é meia-noite. Digo:

— A minha hora de recolher é daqui a uma hora. O que vamos fazer?

Das pessoas que nós conhecemos, sou a única que tem recolher obrigatório. Quando o relógio bate a uma da manhã, transformo-me numa abóbora. Já toda a gente está habituada: a namorada certinha do Peter Kavinsky, que tem de estar em casa à uma da manhã. Nunca me importei com o recolher obrigatório. Porque, para dizer a verdade, não sinto que perca nada assim tão maravilhoso — e o que diz aquele ditado

antigo? Nada de bom acontece depois das duas da manhã. A menos que se goste de ver as pessoas virar copos durante horas. Eu não. Obrigada, mas prefiro estar enfiada no meu pijama de flanela com uma chávena de chá e um livro.

— Vamos para tua casa. Quero entrar, cumprimentar o teu pai e ficar lá um bocado. Podíamos ver o resto do *Aliens*.

O Peter e eu temos andado a descarregar títulos da nossa lista de filmes, a qual consiste nas minhas escolhas (os meus filmes preferidos que ele nunca viu), as dele (os filmes preferidos dele que eu nunca vi) e filmes que nenhum dos dois viu. *Aliens* foi escolha do Peter e afinal devo dizer que é bastante bom. E embora em tempos o Peter dissesse que não gostava de comédias românticas, gostou bastante de *Sintonia de Amor*, o que me deixou muito aliviada, porque não vejo como podia estar com uma pessoa que não gostasse de *Sintonia de Amor*.

— Preferia não ir já para casa — digo eu. — Vamos a qualquer lado.

O Peter reflete por um instante, tamborilando com os dedos no volante, e depois diz:

— Já sei onde podemos ir.

— Onde?

— Espera e já vês — diz ele, abrindo as janelas e deixando o ar fresco da noite invadir o carro.

Recosto-me no assento. As ruas estão vazias; as luzes já estão apagadas na maior parte das casas.

— Deixa-me adivinhar. Vamos ao restaurante porque queres panquecas de mirtilo.

— Não.

— Hum. É demasiado tarde para ir ao Starbucks e o Biscuit Soul Food está fechado.

— Ei, eu não penso só em comida — diz. E depois: — Ainda há bolachas naquele *Tupperware*?

— Já não, mas talvez tenha mais em casa, se a Kitty não as tiver comido todas.

Ponho o braço de fora da janela e deixo-o pendurado. Já não há muitas noites destas, em que está suficientemente fresco para se precisar de um casaco.

Olho para o perfil do Peter pelo canto do olho. Às vezes, ainda nem acredito que ele é meu. O mais bonito de todos os rapazes é meu, todo meu.

— O que foi? — diz ele.

— Nada — respondo.

Dez minutos mais tarde, estamos a entrar no campus da Universidade da Virgínia (UVA) com o carro, mas ninguém lhe chama campus; chamam-lhe A Zona. Peter estaciona junto à estrada. Está muito calmo para uma sexta-feira à noite numa cidade universitária, mas estamos nas férias da primavera da universidade e muita gente ainda está fora.

Estamos a atravessar o relvado, de mãos dadas, quando sou atingida por uma súbita onda de pânico. Paro de repente e pergunto:

— Ei, não achas que dá azar eu vir aqui antes de ter entrado na universidade, pois não?

O Peter ri-se.

— Não é um casamento. Não te vais casar com a UVA.

— Para ti é fácil dizê-lo; já cá estás.

O Peter comprometeu-se verbalmente com a equipa de lacrosse da universidade no ano passado e depois candidatou-se à admissão antecipada no outono. Como a maior parte dos atletas universitários, a sua admissão estava praticamente garantida, desde que continuasse a ter notas decentes. Quando recebeu o sim oficial em janeiro, a mãe fez-lhe uma festa e eu fiz um bolo que dizia: *Vou levar os meus talentos para a UVA* em glacé amarelo.

O Peter puxa-me pela mão e diz:

— Anda lá, Covey. Somos nós que fazemos a nossa sorte. Além disso, estivemos aqui há dois meses para aquela coisa no Miller Center.

Relaxo.

— Ah, pois foi.

Continuamos a atravessar o relvado. Agora já sei para onde vamos. Para a Rotunda, para nos sentarmos nas escadas. A Rotunda foi concebida por Thomas Jefferson, que fundou a escola, e desenhou-a como o Panteão, com as suas colunas brancas e grande cúpula lá em cima. O Peter corre pelas escadas de tijolo acima, estilo Rocky, e deixa-se cair. Sento-me à frente dele, inclinando-me para trás e descansando os braços em cima dos joelhos dele.

— Sabias — começo eu —, que uma das coisas que torna a UVA única é que o centro da escola, ali mesmo, dentro da Rotunda, é uma biblioteca e não uma igreja? E isso porque Jefferson acreditava na separação entre escola e igreja.

— Leste isso na brochura? — provoca o Peter, dando-me um beijo no pescoço.

Sonhadoramente, digo:

— Fiquei a sabê-lo quando vim aqui a uma visita guiada no ano passado.

— Não me disseste que tinhas vindo aqui numa visita guiada. Porque havias de o fazer quando és daqui? Já cá estiveste centenas de vezes!

Tem razão quanto a já ali ter estado centenas de vezes — cresci a vir ali com a minha família. Quando a minha mãe ainda estava viva, costumávamos ir ver os Hullabahoos atuar porque a minha mãe adorava música à capela. Tirámos uma fotografia de família no relvado. E nos dias soalheiros, depois da missa, vínhamos ali fazer piqueniques.

Viro-me para olhar para o Peter.

— Fiz a visita guiada porque queria saber tudo sobre a UVA! Coisas que não saberia só por viver aqui perto. Como esta: sabes em que ano admitiram mulheres pela primeira vez?

Coça a nuca.

— Hum... não sei. Quando é que a escola foi fundada? No princípio do século XIX? Talvez em 1920?

— Não. Em 1970. — Volto a virar-me e olho para a frente, para o campus. — Passados 150 anos da sua fundação.

Intrigado, o Peter diz:

— Bolas. É de loucos. Está bem, conta-me mais coisas sobre a UVA.

— A UVA é a única universidade dos Estados Unidos que é Património Mundial da Unesco — começo.

— Deixa lá, não me contes mais coisas sobre a UVA — diz o Peter, e eu bato-lhe no joelho. — Diz-me antes outra coisa qualquer. Diz-me o que mais te atrai para vires para esta universidade.

— Tu primeiro. O que te entusiasma mais?

Imediatamente, o Peter diz:

— Essa é fácil. Andar nu na relva contigo.

— É isso que mais te entusiasma? Andar nu por aí? — E apresso-me a acrescentar: — Nunca vou fazer isso, a propósito.

Ele ri-se.

— É uma tradição da UVA. Pensei que gostavas das tradições da UVA.

— Peter!

— Estou a brincar. — Inclina-se para frente e põe os braços à volta dos meus ombros, roçando o nariz no meu pescoço como gosta de fazer. — É a tua vez.

Permiti-me sonhar com isso por instantes. Se entrar, o que me entusiasma mais? Há tantas coisas, que mal as consigo dizer todas. Espero comer waffles todos os dias com o Peter no refeitório. Espero andar de trenó pelo Monte do Observatório quando nevar. Fazer piqueniques quando estiver calor. Ficar a pé toda a noite a conversar e depois acordar

e conversar mais um pouco. Lavar a roupa a altas horas da noite e fazer viagens à última hora. Espero... tudo. Finalmente digo:

— Não quero dar azar.

— Anda lá.

— Está bem, está bem. Acho que o que mais me entusiasma é... ir à Sala McGregor sempre que me apetecer. — As pessoas chamam-lhe a Sala Harry Potter por causa dos tapetes e dos candelabros e das cadeiras de couro e dos retratos na parede. As estantes de livros vão do chão ao teto, e todos os livros estão por trás de grades de metal, protegidos como os objetos preciosos que são. É uma sala de outro tempo. É muito silenciosa — reverente, até. Houve um verão — devia eu ter 5 ou 6 anos, porque foi antes de a Kitty nascer — em que a minha mãe estava a tirar um curso na UVA e costumava estudar na Sala McGregor, enquanto a Margot e eu costumávamos ficar a colorir ou a ler. A minha mãe chamava-lhe a biblioteca mágica, porque a Margot e eu nunca brigávamos lá dentro. Ficávamos as duas caladas como ratos de tão impressionadas com todos aqueles livros e com os rapazes mais velhos que lá estudavam.

O Peter parece desiludido. Tenho a certeza de que achava que eu ia dizer qualquer coisa relacionada com ele. Connosco. Mas por qualquer razão, quero guardar essas esperanças só para mim, por enquanto.

— Podes vir comigo para a Sala McGregor — digo eu. — Mas tens de prometer ficar calado.

O Peter diz com carinho:

— Lara Jean, só tu é que estarias ansiosa por ir para uma biblioteca.

Na verdade, a julgar pelo *Pinterest*, tenho a certeza de que muitas pessoas gostariam de estar numa biblioteca assim tão bonita. Só que não são as pessoas que o Peter conhece. Ele acha que eu sou muito peculiar. Não tenciono ser eu a dar-lhe a notícia de que na verdade não sou peculiar, que há muitas pessoas que gostam de ficar em casa a fazer bolos e álbuns de colagens e de ir a bibliotecas. É verdade que a maior parte delas tem provavelmente mais de 50 anos, mas ainda assim... Gosto da maneira como olha para mim, como se eu fosse uma ninfa da floresta que ele encontrou por acaso e que teve de levar para casa para cuidar dela.

O Peter tira o telefone do bolso da camisola de capuz.

— É meia-noite e meia. Temos de ir embora.

— Já? — suspiro eu. Gosto de ali estar àquela hora tardia. Parece que todo aquele espaço nos pertence.

No meu coração sempre estive a UVA. Nunca esperei realmente ir para nenhuma outra universidade, nem tampouco pensei nisso.

la candidatar-me à admissão antecipada quando o Peter o fez, mas a minha orientadora vocacional, a Sra. Duvall, aconselhou-me a não o fazer, porque disse que era melhor esperar para eles verem as minhas notas intercalares do 12.º ano. Segundo a Sra. Duvall, é sempre melhor candidatar-mo-nos quando estamos no auge.

E, assim, acabei por me candidatar a cinco universidades. Inicialmente ia ser só a UVA, a mais difícil de entrar e que só distava quinze minutos da minha casa; William and Mary, a segunda mais difícil de entrar e também a minha segunda escolha (a duas horas de distância); e depois a universidade de Richmond e James Madison, ambas a apenas uma hora de distância, empatadas como terceira escolha. Todas neste estado.

Mas depois a Sra. Duvall pressionou-me para concorrer a pelo menos uma fora do estado, pelo sim pelo não, só para ter escolha — e assim candidatei-me à Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill. É muito difícil entrar numa universidade fora do estado, mas escolhi-a porque me lembra a UVA. Tem um curso de artes forte e não fica demasiado longe. De facto, é suficientemente perto para poder vir a casa numa emergência, se precisar.

Mas se pudesse escolher, escolheria sempre a UVA. Nunca quis estar longe de casa. Ao contrário da minha irmã mais velha, que sonhava ir para longe. Sempre quis o mundo. Eu só quero a minha casa e, para mim, a UVA é a minha casa, e é por isso que é a universidade que me serve de termo de comparação com todas as outras universidades. O campus perfeito dos contos de fadas, o perfeito tudo. E, claro, o Peter.

Ficamos um pouco mais, comigo a contar ao Peter mais coisas sobre a UVA e o Peter a zombar de mim por eu saber tantas coisas sobre a UVA. Depois leva-me a casa. É quase uma da manhã quando chegamos à porta. As luzes do primeiro andar estão todas apagadas, mas a luz do quarto do meu pai está acesa. Nunca vai para a cama até eu estar em casa. Estou quase a sair do carro quando o Peter se estica e me impede de abrir a porta.

— Dá-me o meu beijo de boa-noite — diz ele.

Rio-me.

— Peter! Tenho de ir.

Teimosamente, fecha os olhos e espera, e eu inclino-me para a frente e dou-lhe um beijo rápido nos lábios.

— Pronto. Satisfeito?

— Não. — Ele beija-me outra vez como se tivéssemos todo o tempo do mundo e diz: — O que aconteceria se eu voltasse depois de toda a

gente estar a dormir e passasse a noite em tua casa e me fosse embora muito cedo? Tipo, antes de amanhecer?

Sorrindo, digo:

— Não podes, por isso, nunca vamos saber.

— Mas e se?

— O meu pai ia matar-me.

— Não, não ia.

— Ia matar-te a ti.

— Não, não ia.

— Não, não ia — concordei. — Mas ficaria muito desiludido comigo.

E ficaria muito zangado contigo.

— Só se fôssemos apanhados — diz o Peter, embora sem convicção. Ele também não o arriscaria. Faz os possíveis para se manter nas boas graças do meu pai. — Sabes o que espero com mais entusiasmo?

— Puxa-me pela trança antes de dizer: — Não ter de dizer boa-noite. Detesto dizer boa-noite.

— Eu também — digo.

— Não vejo a hora de estarmos na universidade.

— Também eu — digo eu, beijando-o uma última vez antes de saltar do carro e correr para casa. No caminho, olho para a lua e para todas as estrelas que cobrem o céu da noite como um cobertor, e peço um desejo. *Querido Deus, por favor, por favor, deixa-me entrar na UVA.*

## capítulo 2

— POLVILHO A PERUCA COM BRILHO cor-de-rosa ou dourado?

Levanto um ovo de Páscoa perto do ecrã do meu computador para que a Margot o veja. Pintei a casca de azul-turquesa pálido e decorei-a com um camafeu com a Maria Antonieta.

— Aproxima-o mais — diz a Margot, semicerrando os olhos para a câmara. Está de pijama e tem uma máscara de tratamento facial na cara. O cabelo dela já passa da linha dos ombros, o que quer dizer que provavelmente o vai cortar dentro em breve. Tenho a impressão de que nunca mais volta a deixar crescer o cabelo. Fica-lhe mesmo bem.

É noite na Escócia e aqui ainda é de tarde. Estamos separadas por cinco horas e 5600 quilómetros. Ela está no quarto da sua residência universitária; eu estou sentada à mesa na nossa cozinha, rodeada de ovos de Páscoa, tigelas de tinta, falsas pedras preciosas, autocolantes e penas brancas e fofas que guardo desde a altura em que fazia decorações de Natal, há alguns anos. Tenho o computador em cima de um monte de livros de culinária e a Margot faz-me companhia enquanto acabo de decorar os meus ovos.

— Acho que lhe vou fazer um rebordo de pérolas à volta, se isso te ajudar a decidir — digo-lhe eu.

— Nesse caso, digo para avançares com o cor-de-rosa — diz ela, ajustando a máscara. — O cor-de-rosa vai realçar mais.

— Também era isso que eu estava a pensar — digo eu, pondo-me a espalhar o brilho com um pincel de sombra dos olhos já gasto.

Na noite passada, passei horas a soprar para dentro dos ovos para os esvaziar. Isto era para ser uma coisa divertida para a Kitty e eu fazermos juntas, como antigamente, mas ela baldou-se quando foi convidada para a casa da Madeleine Klinger. Um convite da Madeleine Klinger é uma ocasião rara e memorável, por isso, claro, não podia tirar isso à Kitty.

— Falta pouco para saberes, não é?

— Vai ser este mês. — Começo a alinhar as pérolas. Uma parte de mim queria acabar já com isto, mas outra parte fica contente por ter este tempo sem saber, para ainda ter esperança.

— Vais entrar — diz a Margot, e soa como uma proclamação.

Toda a gente à minha volta parece pensar que a minha entrada na UVA é um dado adquirido. O Peter, a Kitty, a Margot, o meu pai. A minha conselheira vocacional, a Sra. Duvall. Nunca me atreveria a dizê-lo em voz alta, com medo que dê azar, mas talvez eu também ache. Trabalhei muito: melhorei os meus resultados do exame de admissão à universidade em 200 pontos. As minhas notas são quase tão boas como eram as da Margot, e a Margot entrou. Fiz tudo o que se esperava que fizesse, mas será o suficiente? Neste momento, a única coisa que posso fazer é aguardar e ter esperança. E ter esperança e mais esperança.

Estou a meio da colagem a quente de um pequeno laço branco no cimo do meu ovo quando paro para deitar um olhar desconfiado à minha irmã.

— Espera lá. Se eu entrar, vais tentar convencer-me a ir para outro sítio qualquer, para eu poder abrir as asas?

A Margot ri-se e a máscara desliza-lhe pela cara abaixo. Ajustando-a, ela diz:

— Não. Confio que saibas o que é melhor para ti.

Está a falar a sério, eu sei. De repente, as palavras dela dizem isso. Eu confio em mim também. E para mim, a UVA é o melhor. Sei-o.

— A única coisa que te digo é que faças os teus próprios amigos. O Peter vai fazer montes de amigos por causa do lacrosse e as pessoas de quem vai ser amigo não serão necessariamente o tipo de pessoas que tu escolherias como amigos. Por isso, arranja os teus próprios amigos. Encontra o teu tipo de gente. A UVA é grande.

— Vou fazer isso — prometo.

— E não te esqueças de entrar para a associação asiática. A única desvantagem de ter vindo frequentar uma universidade num país diferente é não existir aqui um grupo asiático-americano. É, sem dúvida, outra coisa, ir para a universidade e encontrar pessoas da tua identidade racial. Como o Tim.

— Tim quem?

— O Tim Monahan, da minha turma.

— Ah, o *Tim* — digo eu.

O Tim Monahan é coreano e foi adotado. Não há assim tantas pessoas asiáticas na nossa escola, por isso, todos nos conhecemos, pelo menos superficialmente.

— Ele nunca andou com asiáticos na escola secundária, e depois foi para a universidade técnica e conheceu um monte de coreanos, e acho que agora é o presidente de uma república universitária asiática.

— Ena!

— Ainda bem que a tradição das repúblicas não é importante no Reino Unido. Não vais para nenhuma república, pois não? — E rapidamente acrescenta: — Não te vou criticar se fores.

— Ainda nem tinha pensado nisso.

— Mas o Peter vai provavelmente entrar para uma.

— Ele também não disse nada sobre isso...

Mesmo sem ele ter falado disso, consigo imaginá-lo numa república.

— Ouvi dizer que as coisas são difíceis quando o namorado faz parte de uma e a namorada não. É algo que tem que ver com todos os encontros para se conhecerem pessoas, e esse tipo de coisas. Parece que é mais fácil se se for amiga das raparigas da república feminina. Não sei. Tudo isso me parece tolo, mas pode valer a pena. Ouvi dizer que as raparigas das repúblicas são ardilosas e habilidosas a manobrar — diz ela, mexendo as sobrancelhas para mim.

— Por falar em habilidosa... — Levanto o meu ovo para ela ver. — Olha!

A Margot chega-se para mais perto da câmara para ver.

— Devias meter-te no negócio de decoração de ovos! Quero ver os outros.

Levanto a caixa dos ovos. Tenho uma dúzia de ovos ocos, cor-de-rosa, com espiguilha em rosa néon, azul-choque e amarelo-limão e alfavaca com botões de rosmaninho secos. Ainda bem que arranjei maneira de usar aquele rosmaninho seco. Comprei um saco dele há meses para um *creme brûlée* e estava a ocupar espaço na nossa despensa.

— O que vais fazer com eles? — pergunta a Margot.

— Vou levá-los para Belleview para os porem em exposição na recepção. Aquilo está sempre tão sem graça e com ar de hospital...

A Margot recosta-se nas almofadas.

— Como está toda a gente em Belleview?

— Bem. Tenho andado tão atarefada com as candidaturas às universidades e as coisas do 12.º ano que não tenho conseguido ir lá tanto como costumava ir. Agora que já não trabalho lá oficialmente é muito mais difícil arranjar tempo. — Viro o ovo na mão. — Acho que vou dar este à Stormy. É a cara dela. — Pouso o ovo da Marie Antoinette na prateleira para secar e pego num ovo lilás e começo a decorá-lo com pedras decorativas coloridas. — Vou lá mais vezes daqui para diante.

— É difícil — concorda a Margot. — Quando eu voltar a casa nas férias da primavera vamos lá as duas. Quero apresentar o Ravi à Stormy.

O Ravi é o namorado da Margot há seis meses. Os pais dele são indianos, mas ele nasceu em Londres, por isso a pronúncia dele é o mais sofisticada que se possa imaginar. Quando o conheci no *Skype*, disse-lhe:

— Pareces mesmo o Príncipe William a falar.

Ele riu-se e disse:

— Obrigado.

É dois anos mais velho do que a Margot e, talvez por ser mais velho ou por ser inglês, parece muito sofisticado e completamente diferente do Josh. Não de uma maneira afetada, mas seguramente diferente. Mais culto, provavelmente por viver numa cidade tão grandiosa e por ir ao teatro sempre que lhe apetece, e por conhecer altos dignitários e afins, visto que a mãe é diplomata. Quando disse isso à Margot, ela riu-se e garantiu que era só porque ainda não o conheço bem, pois o Ravi é um grande *nerd* e nada refinado, nada que ver com o Príncipe William.

— Não te deixes enganar pela pronúncia — disse ela.

Vai trazer o Ravi a casa nas férias da primavera, por isso acho que vou poder confirmar em primeira mão não tarda muito. O plano é o Ravi ficar na nossa casa duas noites e depois apanhar um avião para o Texas para visitar uns familiares. A Margot fica aqui connosco o resto da semana.

— Estou ansiosa por conhecê-lo em carne e osso — digo eu, e ela fica radiante.

— Vais adorá-lo.

Claro que vou. Gosto de toda a gente de quem a Margot gosta, mas o que é mesmo importante é que, agora que a Margot conhece o Peter melhor, ela vê como ele é especial. Quando o Ravi estiver cá, vamos poder sair os quatro enquanto casais.

A minha irmã e eu estamos apaixonadas ao mesmo tempo e podemos partilhá-lo uma com a outra: que coisa incrível!

## capítulo 3

NA MANHÃ SEGUINTE PONHO O BATOM ESCARLATE com que a Stormy gosta de me ver, meto os meus ovos de Páscoa num cesto de verga branco e vou de carro para Belleview. Paro na receção para deixar os ovos e falar um pouco com a Shanice. Pergunto-lhe o que há de novo e ela diz-me que há dois novos voluntários, ambos estudantes da UVA, o que me faz sentir muito menos culpada por não aparecer tanto por lá.

Despeço-me da Shanice e depois dirijo-me para o quarto da Stormy com o meu ovo de Páscoa. Ela abre a porta vestida com um quimono cor de dióspiro e batom a condizer e exclama:

— Lara Jean! — Depois de me abraçar, inquieta-se: — Estás a olhar-me para as raízes, não estás? Eu sei que tenho de pintar o cabelo.

— Mal se nota — garanto-lhe.

Fica muito entusiasmada com o ovo da Maria Antonieta; diz que está ansiosa por mostrá-lo a Alicia Ito, sua amiga e rival.

— Também trouxeste para a Alicia? — exige saber.

— Só para si — digo-lhe eu, e os seus olhos pálidos brilham.

Sentamo-nos no sofá e ela aponta-me o dedo e diz:

— Deves estar completamente arrebatada com o teu rapaz já que mal tens tido tempo para me visitar.

Envergonhada, digo:

— Desculpe. Venho visitá-la mais vezes agora que já enviei as minhas candidaturas à universidade.

— Hum!

A melhor maneira de lidar com a Stormy quando está assim é seduzi-la e cativá-la.

— Só estou a fazer o que me disse, Stormy.

Inclina a cabeça para o lado.

— E o que foi que eu te disse?

— Disse para namorar muito e ter muitas aventuras, exatamente como a Stormy fez.

Aperta os lábios vermelho-alaranjados, tentando não sorrir.

— Bem, aí está um conselho muito bom para se dar. Continua a ouvir o que a Stormy te diz e tudo irá correr bem. Agora conta-me qualquer coisa bem picante.

Rio-me.

— A minha vida não é assim tão picante.

Ela discorda com um sibilo.

— Não tens nenhum baile a caminho? Quando é o baile de finalistas?

— Só em maio.

— E então, tens vestido?

— Ainda não.

— É bom começares a pensar nisso. Não queres que outra rapariga apareça com o teu vestido, querida. — Estuda-me a cara. — Com a tua cor de pele, acho que devia ser cor-de-rosa. — Depois os olhos iluminam-se-lhe e estala os dedos. — Agora me lembro! Quero dar-te uma coisa. — Levanta-se de um salto, vai ao quarto e regressa com uma pesada caixa de anéis forrada a veludo.

Levanto a tampa e engulo em seco. É o anel de diamante cor-de-rosa dela! O do veterano que perdeu uma perna na guerra.

— Stormy, não posso aceitar isto.

— Oh, mas vais aceitar. És a pessoa certa para o usar.

Lentamente, tiro o anel e ponho-o na mão esquerda e, oh, como cintila...

— É lindo! Mas eu não devia...

— É teu, minha querida. — Stormy pisca-me o olho. — Segue este meu conselho, Lara Jean. Nunca digas não quando o que queres dizer é sim.

— Então... sim! Obrigada, Stormy! Prometo que tomo bem conta dele.

Ela dá-me um beijo na face.

— Sei que sim, querida.

Assim que chego a casa guardo-o no meu porta-joias com cuidado.

Mais tarde, naquele mesmo dia, estou na cozinha com a Kitty e o Peter, à espera que as minhas bolachas de chocolate arrefeçam. Nas últimas semanas tenho empreendido uma cruzada para aperfeiçoar a minha receita de bolachas de chocolate, e o Peter e a Kitty têm sido os meus inabaláveis companheiros nesta viagem. A Kitty prefere as bolachas de chocolate achatadas e estaladiças, enquanto o Peter gosta delas com mais massa para mastigar. A minha bolacha perfeita é uma combinação dos dois tipos. Crocante, mas macia. Bolachas castanho-claras,

que não sejam pálidas nem na cor nem no sabor. Um pouco altas, mas não fofas. É dessa bolacha que tenho andado à procura.

Já li todas as publicações dos blogues, vi as imagens de todas as bolachas feitas apenas com açúcar branco *versus* uma mistura de açúcar mascavado e branco, de bicarbonato de sódio *versus* fermento, vagem de baunilha *versus* extrato de baunilha, chocolate em lascas *versus* em pepitas *versus* fatiado. Já tentei congelar bolas, achatando as bolachas com o fundo de um copo para ficarem niveladas. Já congelei massa num rolo e fatiei-o; já congelei bolas feitas com a colher de gelados. Já congelei e depois fiz bolas com a colher de gelados. E, no entanto, mesmo assim, as minhas bolachas ficam muito altas.

Desta vez, usei bastante menos bicarbonato de sódio, mas as bolachas continuam um pouco fofas demais, e estou prestes a deitar a massa para o lixo por não ficarem perfeitas. Claro que não o faço — seria um desperdício de bons ingredientes. Em vez disso, digo à Kitty:

— Não disseste que foste repreendida por falares durante a leitura silenciosa na semana passada? — Ela assente com a cabeça. — Leva estas bolachas à tua professora, diz-lhe que foste tu que as fizeste e pede-lhe desculpa.

Já estou a esgotar as pessoas a quem posso dar as minhas bolachas. Já as dei ao carteiro, ao condutor do autocarro escolar da Kitty e às enfermeiras do hospital do pai.

— O que vais fazer quando acertares? — pergunta-me a Kitty, com a boca cheia de bolacha.

— Pois, para que serve tudo isto? — diz o Peter. — Quer dizer, o que interessa se uma bolacha com pepitas de chocolate fica oito por cento melhor? Continua a ser uma bolacha com pepitas de chocolate.

— Ficarei contente por saber que tenho a receita da pepita de chocolate perfeita. Vou passá-la à geração seguinte de meninas Song.

— Ou rapazes — diz a Kitty.

— Ou rapazes — concordo eu. Peço-lhe: — Agora vai lá acima buscar-me um frasco grande para pôr estas bolachas. E uma fita.

O Peter pergunta:

— Vais levar algumas para a escola amanhã?

— Vamos ver — digo eu, porque quero vê-lo a fazer aquela cara amuada que adoro. Ele amua e eu acaricio-lhe o rosto. — És cá um bebé...

— Tu gostas — diz ele, tirando outra bolacha. — Vamos pôr o filme. Prometi à minha mãe que passava pela loja para a ajudar a mudar uns móveis.

A mãe do Peter tem uma loja de antiguidades chamada Linden & White, e o Peter ajuda-a sempre que pode.

O filme que hoje vamos riscar da nossa lista é *Romeu e Julieta*, a versão de 1996 com Leonardo DiCaprio e Claire Danes. A Kitty já o viu para aí uma dúzia de vezes, eu vi partes e o Peter nunca o viu de todo.

A Kitty arrasta o pufe dela para o andar de baixo e instala-se no chão com um saco de pipocas feitas no micro-ondas ao seu lado. O nosso cão arraçado de *terrier* cor de trigo, *Jamie Fox-Pickle*, instala-se imediatamente ao lado dela, à espera, sem dúvida, de alguma pipoca caída. O Peter e eu estamos no sofá grande, aconchegados debaixo de um cobertor de lã que a Margot mandou da Escócia.

A partir do momento em que o Leo aparece no ecrã com aquele fato azul-marinho, fico com palpitações. É como um anjo, um belo anjo caído.

— Porque é que ele está tão stressado? — pergunta o Peter, baixando-se para roubar uma mão-cheia das pipocas da Kitty. — Não é um príncipe ou qualquer coisa assim?

— Ele não é um príncipe — digo eu. — É apenas rico. E a família dele é muito poderosa nesta cidade.

— Ele é o rapaz dos meus sonhos — diz a Kitty num tom confidencial.

— Bem, agora já é crescido — digo eu sem tirar os olhos do ecrã. — É praticamente da idade do pai. — Mesmo assim...

— Espera lá. Pensei que o rapaz dos teus sonhos era *eu* — diz o Peter, não para mim, mas para a Kitty.

Ele sabe que não é o rapaz dos meus sonhos. O rapaz dos meus sonhos é Gilbert Blythe de *Ana dos Cabelos Ruivos*. Bonito, leal, bom aluno.

— Livra — diz a Kitty. — Tu és tipo meu irmão.

O Peter parece genuinamente magoado, por isso, dou-lhe uma palmadinha no ombro.

— Não achas que ele é um pouco para o magricela? — pressiona o Peter.

Mando-o calar.

Cruza os braços.

— Não percebo porque é que vocês podem falar durante os filmes e a mim me mandam calar. Não me parece nada bem.

— A casa é nossa — diz a Kitty.

— A tua irmã também me manda calar na minha casa!

Ignoramo-lo em unísono.

Na peça de teatro, o Romeu e a Julieta tinham apenas 13 anos. No filme, têm cerca de 17 ou 18 anos. Têm definitivamente menos de 20 anos. Como sabiam que estavam destinados um para o outro? Bastou-lhes olharem-se através de um aquário numa casa de banho? Sabiam que era um amor pelo qual valia a pena morrer? Porque sabem mesmo. Acreditam. Acho que a diferença é que naquela altura as pessoas casavam muito mais cedo do que hoje. Em boa verdade, até que a morte nos separe provavelmente só queria dizer, tipo, quinze ou vinte anos, porque as pessoas não viviam tanto tempo como agora.

Mas quando os seus olhares se cruzam através daquele aquário... quando o Romeu vai à varanda dela e professa o seu amor... é mais forte do que eu. Também acredito. Embora eu saiba que mal se conhecem e que a história deles termina antes sequer de verdadeiramente ter começado, e que escolheriam estar todos os dias um com o outro apesar das dificuldades. Ainda assim, acho que podiam ter feito a relação dar certo, se ao menos não tivessem morrido.

À medida que a ficha técnica vai passando, as lágrimas correm-me pelo rosto e até o Peter parece triste; mas a pequena Kitty, pouco dada a sentimentalismos, de olhos secos, levanta-se e diz que vai levar o *Jamie Fox-Pickle* lá fora para fazer xixi. E lá vão, enquanto eu ainda estou perdida nas minhas emoções no sofá, limpando as lágrimas dos olhos.

— Tiveram um encontro-fofo tão lindo — digo eu com voz rouca.

— O que é um encontro-fofo?

O Peter está agora deitado de lado, com a cabeça pousada sobre o cotovelo. Está tão adorável que eu era capaz de lhe beliscar as faces, mas contenho-me e não lho digo. Já tem mania que chegue.

— É quando um herói e uma heroína se encontram pela primeira vez, e é sempre de uma maneira encantadora. É assim que se sabe que vão acabar juntos. Quanto mais fofo melhor.

— Como no *Exterminador*, quando o Reese salva a Sarah Connor do Exterminador e diz: «Vem comigo se queres viver.» Uma fala espantosa.

— Bem... claro, acho que tecnicamente se pode chamar um encontro-fofo. Estava a pensar mais em *Aconteceu Naquela Noite*. Devíamos acrescentar esse à nossa lista.

— É a cores ou a preto e branco?

— Preto e branco.

O Peter geme e deixa-se cair para trás, contra as almofadas do sofá.

— Foi pena não termos tido um encontro-fofo — matuto eu.

— Tu atacaste-me no corredor na escola. Acho que isso é bastante fofo.

— Mas já nos conhecíamos, por isso, não conta. — Franzo a testa.  
— Nem sequer nos lembramos de como nos conhecemos. Que tristeza.

— Eu lembro-me de quando te conheci.

— Ná. Mentiroso!

— Ei, lá porque tu te não lembras de uma coisa, não quer dizer que eu não me lembre. Lembro-me de muitas coisas.

— Está bem, então como é que nos conhecemos? — desafio eu.

Tenho a certeza de que seja o que for que lhe saia da boca a seguir vai ser uma mentira.

O Peter abre a boca, e depois fecha-a de repente outra vez.

— Não te digo.

— Estás a ver! Não consegues pensar em nada.

— Não, não mereces saber, porque não acreditas em mim.

Reviro os olhos.

— És tão tangas...

Depois de desligar o filme, o Peter e eu vamos sentar-nos no alpendre da frente, a beber o chá que fiz na noite anterior. Está fresco na rua; o ar ainda é suficientemente cortante para nos lembrar que não estamos mesmo na primavera, mas que já faltou mais. O cornizo, a árvore que temos no jardim à frente da casa, está a começar a florir. Sente-se uma brisa agradável. Acho que era capaz de ficar aqui sentada toda a tarde a ver os ramos a balançar e a dobrar-se e as folhas a dançar.

Ainda temos algum tempo antes de ele ter de ir ajudar a mãe. Eu iria com ele e tomaria conta da caixa registadora enquanto ele muda a mobília, mas a última vez que o Peter me levou, a mãe franziu o sobrolho e disse que a loja era um lugar de negócios, não um «ponto de encontro de adolescentes». A mãe do Peter não desgosta de mim abertamente — mas continua a não me perdoar por ter rompido com o Peter no ano passado. É simpática para mim, mas há aquela falta de confiança, aquela cautela. É um sentimento tipo «vamos esperar para ver» — vamos esperar para ver quando voltas a magoar o meu filho. Sempre imaginei ter uma excelente relação, tipo Ina Garten, com a mãe do meu primeiro namorado. As duas a fazer o jantar juntas, partilhando chá e simpatia, a jogar *Scrabble* numa tarde de chuva.

— Em que estás a pensar? — pergunta-me o Peter. — Estás com aquele olhar.

Mordo o lábio inferior.

— Gostava que a tua mãe gostasse mais de mim.

— Ela gosta de ti.

— Peter. — Deito-lhe um olhar.

— Gosta! Se não gostasse de ti, não te convidava para jantar lá em casa.

— Ela convida-me para jantar porque te quer ver a ti, não a mim.

— Não é verdade.

Consigo perceber que este pensamento nunca lhe tenha ocorrido, mas é verdade e ele sabe-o.

— Ela gostava que acabássemos antes de irmos para a universidade — deixo escapar.

— Tal como a tua irmã.

— Ah! Então, estás a admitir que a tua mãe quer que rompamos!

Não sei porque estou tão triunfante. A ideia é deprimente, mesmo que já suspeitasse disso.

— Ela acha que levar as coisas tão a sério quando se é novo não é boa ideia. Não tem nada a ver contigo. Eu já lhe disse que lá porque não resultou com ela e com o pai não quer dizer que vá acontecer a mesma coisa connosco. Não sou nada como o meu pai. E tu não és nada como a minha mãe.

Os pais do Peter divorciaram-se quando ele andava no 6.º ano. O pai vive a cerca de trinta minutos, com a nova mulher e dois filhos. Quando se trata do pai, o Peter não fala muito. É raro sequer mencioná-lo, mas este ano, sem mais nem menos, o pai tem andado a tentar voltar a aproximar-se dele — convidando-o para um jogo de basquetebol, para jantar na casa dele. Até aqui, o Peter tem sido um autêntico muro de pedra.

— O teu pai parece-se contigo? — pergunto. — Quer dizer, tu parecete com ele?

Taciturno, diz:

— Sim. É o que as pessoas estão sempre a dizer.

Ponho a cabeça no ombro dele.

— Então, deve ser muito bonito.

— Quando era novo, talvez — admite ele. — Agora sou mais alto do que ele.

O Peter e eu temos isto em comum — ele só tem mãe e eu só tenho pai. Ele acha que eu estou melhor do que ele, por perder uma mãe que me amava enquanto ele perdeu um pai que está vivo, mas é um traste. Palavras dele, não minhas. Uma parte de mim concorda com ele, tendo em conta que tenho tantas boas recordações da minha mãe, e ele quase não as tem do pai.

Eu adorava como, a seguir ao banho, costumava sentar-me à frente da minha mãe a ver televisão, de pernas cruzadas, enquanto ela me

desembaraçava e penteava o cabelo. Lembro-me que a Margot detestava ficar sentada enquanto ela lhe fazia o mesmo, mas eu não me importava. É o tipo de recordação de que mais gosto — é mais uma sensação do que uma recordação, na verdade. O zunido de uma memória desbotada, suave e nada de particularmente especial, tudo como que a misturar-se num só momento. Tal como me recordo de quando deixávamos a Margot nas aulas de piano, e a Mãe e eu íamos comer um gelado em segredo no parque de estacionamento do McDonald's. Caramelo com molho de morango; ela costumava dar-me os amendoins dela. Uma vez perguntei-lhe porque não gostava de amendoins no gelado, e ela disse que gostava, mas que eu os *adorava*. E ela adorava-me a mim.

Mas, apesar de todas estas boas recordações, recordações que eu não trocava por nada, eu sei que, mesmo que a minha mãe fosse um traste, eu preferia tê-la aqui comigo do que não ter. Um dia, espero que o Peter sinta o mesmo pelo pai.

— Em que estás a pensar agora? — pergunta-me o Peter.

— Na minha mãe — digo eu.

O Peter pousa o copo e estende-se e deita a cabeça no meu colo. Olhando para cima, diz:

— Gostava de a ter conhecido.

— Ela ia gostar muito de ti — digo eu, tocando-lhe no cabelo. Hesitante, pergunto: — Achas que algum dia vou conhecer o teu pai?

A cara dele fica imediatamente sombria e eu logo me arrependo de ter tocado no assunto.

— Não vais querer conhecê-lo — diz ele. — Ele não vale a pena. — Depois aconchega-se mais a mim. — Olha, podíamos ir de Romeu e Julieta neste Halloween. As pessoas na UVA empenham-se imenso no Halloween.

Encosto-me ao poste. Vejo que ele está a mudar de assunto, mas entro no jogo.

— Então, íamos como a versão Leo e Claire de Romeu e Julieta.

— Isso. — Puxa-me pela trança. — Serei o teu príncipe encantado.

Toco-lhe no cabelo.

— Eras capaz de deixar crescer o cabelo? E talvez... pintá-lo de loiro? Senão as pessoas podiam pensar que eras apenas um príncipe.

O Peter está a rir-se tanto que tenho dúvidas de que oiça o resto da minha frase.

— Oh, meu Deus, Covey. Porque és tão cómica?

— Estava a brincar! — Parcialmente. — Mas já sabes que levo os disfarces muito a sério. Porque nos havemos de dar ao trabalho de fazer uma coisa se só a vamos fazer pela metade?

— Está bem, eu podia usar uma peruca, mas não prometo nada. Vai ser o nosso primeiro Halloween na UVA.

— Já fui ao Halloween da UVA.

No primeiro outono, depois de a Margot tirar a carta de condução, levámos a Kitty a pedir doces para o relvado central. Naquele ano ela era o Batman. Será que gostaria de fazer a mesma coisa outra vez?

— O que quero dizer é que vamos poder finalmente ir a festas de Halloween da UVA. Tipo, poder ir abertamente em vez de ir às escondidas. No segundo ano, eu e o Gabe fomos expulsos de uma festa de uma república e foi o momento mais embaraçoso da minha vida.

Olho para ele, surpreendida.

— Tu? Tu nunca ficas embaraçado.

— Pois, mas fiquei naquele dia. Estava a tentar falar com uma rapariga vestida de Cleópatra e os tipos mais velhos disseram-me «Desanda daqui, verme» e ela e os amigos riram-se. Parvalhões.

Inclino-me para baixo e beijo-o em ambas as faces.

— Eu nunca me riria.

— Tu estás sempre a rir-te de mim — diz ele.

Levanta a cabeça e puxa-me a cara para mais perto da dele e damos um beijo de cabeça para baixo tipo Homem-Aranha.

— Tu gostas quando me rio de ti — digo eu e, sorrindo, ele encolhe os ombros.

Lara Jean atravessa um dos momentos mais emocionantes da sua vida. O namoro com Peter está cada vez mais intenso, o baile de finalistas está à porta, o pai vai voltar a casar e a sua irmã mais velha, Margot, vem passar o verão a casa.

Ainda assim, apesar de tanta coisa estar a acontecer ao mesmo tempo, chegou o momento de escolher uma universidade... e Lara só pensa em frequentar a melhor!

Só que entre organizar o casamento do pai e os preparativos para o baile de finalistas, o tempo escasseia e Lara sente-se algo perdida. Deverá deixar a família e o seu grande amor para trás ou apostar tudo no seu futuro?

**Quando o coração e a razão nos indicam direções diferentes, qual dos dois devemos seguir?**

«Uma história doce e muito divertida.»

*Entertainment Weekly*

«Um final imperdível para os fãs de Lara Jean.»

*Booklist*

**LEIA OS OUTROS LIVROS DA AUTORA:**



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8869-65-4



9 789898 869654

Ficção Romântica